

(Des) habilidades em cena: revisão e contextualização da produção acadêmica a respeito da participação da pessoa com deficiência nas artes cênicas

(Dis)ability on stage: review and contextualization of academic production about the participation of people with disabilities in the performing arts

Marcia Berselli¹

Marta Isaacsson²

Resumo

O artigo apresenta e contextualiza a produção acadêmica acerca da participação de pessoas com deficiências nas artes da cena. Pautado em coleta de dados junto a bases de registro da produção científica, a natureza, objetivos e problemáticas presentes em dissertações e teses são identificados. Assim, este estudo oferece um panorama das discussões tecidas sobre o tema, de forma a colaborar com o desenvolvimento de novas pesquisas realizadas na área.

Palavras-chave: Pessoa com deficiência; Artes Cênicas; Teatro; Dança; Revisão de pesquisas

Abstract

The article presents and contextualizes the academic production about participation of people with disabilities in the Performing Arts. Guided in data collection from the scientific record production bases, the nature, objectives and problems present in dissertations and theses are identified. This study provides an overview of woven discussions on the topic in order to contribute to the development of new research in the area.

Keywords: People with disabilities; Performing Arts; Theater; Dance; Review of research

ISSN: 1414.5731
E-ISSN: 2358.6958

1 Profa. Assistente do Curso de Teatro da Universidade Federal de Santa Maria. Atriz. Doutoranda em Teatro, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (UFRGS). contato@teatroflexivel.com.br

2 Profa. Dra. Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS). missilva@portoweb.com.br

Introdução

A presença de pessoas com deficiência na cena contemporânea desperta interesse em um público que talvez ainda seja movido mais pela curiosidade do que pela implicação artística de tal presença³. Com os projetos de inclusão encontrando espaço nas pautas das políticas públicas, a reflexão sobre o acesso da pessoa com deficiência às artes da cena também se encontra em um período de evidência. A nível acadêmico, no entanto, este ainda é um campo instável e em fase de desenvolvimento.

Com o interesse em identificar os principais enfoques e problematizações destacados pelas pesquisas acadêmicas já realizadas no país acerca do tema Artes Cênicas e pessoa com deficiência, realizamos um levantamento dos trabalhos desenvolvidos no nível de pós-graduação em território nacional. Buscamos, então, evidenciar os aspectos privilegiados em tais produções, sua natureza, abordagens, objetivos e principais questões de pesquisa. Dessa forma, acreditamos contribuir para o reconhecimento do estado da arte das pesquisas brasileiras a respeito da relação entre pessoa com deficiência e as artes da cena, em especial o Teatro e a Dança. De modo a ampliar o horizonte do campo de pesquisa, apresentamos também aqui elementos de alguns trabalhos científicos realizados em centros estrangeiros, que já tivemos ocasião de examinar.

Antes de avançar em nossa proposta de reconhecimento do campo investigativo, julgamos oportuno apresentar algumas definições do sentido de deficiência, que auxiliam a clarear o tema ao qual nos aproximamos. Ao apontar discursos e práticas da dança com pessoas com e sem deficiência, analisando grupos e coletivos de dança, a pesquisadora, professora e bailarina Carla Vendramin, por exemplo, afirma que:

De forma geral, dentro ou fora do mundo da dança, é comum que o entendimento que se tem não vá muito além de pensar que pessoas com deficiência são cadeirantes, surdos e cegos, ou pessoas com síndrome de Down. É preciso entender que existe uma grande diversidade de pessoas com deficiência e que, na dança, essa variedade de corpos também pode criar uma variedade de práticas. (Vendramin, 2013, p. 9)

A fala de Vendramin, tratando especificamente da dança, pode certamente ser ampliada às práticas de teatro. Destacamos que as características dos criadores influenciam as obras, assim, nos valem das definições de modo a buscar clarificar as especificidades de cada caso, ampliando também nossas construções muitas vezes limitadas por representações genéricas das pessoas com deficiência.

Uma questão importante ao tratarmos de temas relativos à pessoa com deficiência diz respeito à nomenclatura empregada para designar esse indivíduo. Com sentidos e entendimentos relativos a cada época, a sociedade presenciou uma considerável mudança nas terminologias, o que, muitas vezes, faz com que as pessoas não saibam como se referir à pessoa com deficiência. Em busca de termos "politicamente corretos", o que se evidencia é um pudor, insegurança e mesmo resistência em utili-

3 O artigo *Outsider Histories, Insider Artists, Cross-Cultural Ensembles* de Petra Kuppers traz no parágrafo inicial: "The current decade is turning out to be one smashing success for disability arts. It is in fashion in the art world right now to focus on work with disabled people, a fashion that goes all the way back to outsider artists and the celebration of the "other" in psychiatric institutions, those madmen who fascinated the surrealists more or less exactly a century ago" (Kuppers, 2014b, p.33). Sendo uma referência interessante para aprofundar a questão.

zar nomenclaturas. Esse desconforto, pautado no desconhecimento, possibilita que ainda seja comum a utilização de termos como incapaz, especial, excepcional, além dos que buscam maquiagem um preconceito ao mesmo tempo em que evidenciam o outro como inferior.

Segundo o Estatuto da Pessoa com Deficiência, instituído com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência⁴, em seu artigo 20:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

A Lei tem como base a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, promulgada no Brasil por meio do Decreto nº 6.949, de 25 de Agosto de 2009. No preâmbulo da Convenção, apresentado junto ao Decreto, há o reconhecimento de que a

deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. (Brasil, 2009, s/p)

A partir dessa definição, é possível perceber uma abordagem diferenciada. Segundo o Relatório Mundial sobre a Deficiência (2012, p. 04), “definir a deficiência como uma interação significa que a ‘deficiência’ não é um atributo da pessoa”. Apon-ta-se assim às barreiras físicas e sociais como fatores determinantes. Nesse sentido, os últimos anos têm visto uma transição de perspectivas em relação à deficiência. Quando o ambiente é evidenciado como impedimento, há a referência ao modelo social da deficiência. Em oposição a este modelo, a abordagem que evidencia a falha e o problema a ser corrigido através de intervenção médica é justamente o modelo médico de deficiência.

Historicamente, a deficiência era vista como um impedimento mental ou físico, passível de ser tratado e “resolvido” por meio da ajuda de especialistas, possibilitando que a pessoa se adaptasse à forma como a sociedade se organizava. A consequência era uma concepção assistencialista, que pouco valorizava a autonomia, a dignidade e a garantia de direitos dos sujeitos. Mas, aos poucos, esse paradigma foi cedendo espaço para uma concepção que via na exclusão algo gerado pela própria organização social atual, repleta de barreiras físicas e culturais.

Era o começo da transição rumo a uma concepção que encara a deficiência como mais uma característica humana, não como fator que impede cidadãos de terem igualdade de condições e oportunidades diante de qualquer outra pessoa.

A nova concepção passou a demandar mudanças drásticas na forma como o Estado interagia com a questão; as ações das entidades assistencialistas também tiveram que ser reavaliadas; e as próprias pessoas com deficiência puderam se empoderar e começaram a participar dos debates na esfera pública. Passou-se a se exigir que os ambientes, as formas de comunicação e de transporte fossem transformados para garantir a acessibilidade de todos. Em suma, a meta agora não era mudar o indivíduo com deficiência e, sim, transformar a sociedade para que esse indivíduo tivesse seus direitos garantidos e suas oportunidades, equiparadas

4 Lei nº 13.146, de 6 de Julho de 2015.

aos demais. (Deficiência, 2014, p. 18/19)

Na sociedade brasileira, a imagem da pessoa com deficiência como incapaz ainda é predominante. É a dominância do modelo médico de deficiência, ou seja, aquele que justamente aponta à falta, a incapacidade do sujeito que requer um ato de correção em busca da normalidade: a intervenção médica. Petra Kupperts⁵ aponta que o

modelo médico de deficiência ainda é dominante em várias áreas da vida social: ele descreve a deficiência como alojada dentro de uma pessoa. Na visão médica, a pessoa com deficiência é incapacitada pela sua condição física e intelectual específica. Esta condição é o foco do trabalho de médicos cientistas. A área dos estudos sobre a deficiência, no modelo médico, implica o conhecimento de cirurgia e outras formas de intervenção médica. (Kupperts, 2014a, s/p)

Porém, diferente do modelo médico e apontando a uma mudança na base dos modos de representação sobre a pessoa com deficiência, o modelo social da deficiência inverte o lado que deve ser corrigido: aqui, é o ambiente que deve ser transformado.

Se o modelo médico localiza a deficiência na pessoa com deficiência e na sua aberração específica, o modelo social da deficiência altera radicalmente a mentalidade, os pontos de referência para o conhecimento. No modelo social, a deficiência é aparente na interação entre a pessoa com deficiência e o ambiente social. Uma pessoa apresenta uma deficiência como braços curtos, cegueira ou inabilidade de ler. É apenas quando essa forma particular de corporeificação encontra uma sociedade na qual braços longos, comunicação visual e palavra escrita são favorecidas, que a incapacidade se torna uma deficiência. [...] As barreiras da arquitetura inacessível, as barreiras de atitude moldadas historicamente para pessoas com deficiência e a discriminação institucional resultante são agora os fatores incapacitantes e não o corpo individual de uma pessoa. Dentro destes termos, a deficiência se torna uma questão social e ambiental e não médica. (Kupperts, 2014a, s/p)

O Relatório Mundial sobre a Deficiência, documento que se apresenta como um auxiliar nas implementações da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência⁶, se posiciona de modo a não se afiliar a um dos modelos, mas buscar uma abordagem que se pretende atravessada pelos aspectos referentes a ambos os modelos.

O modelo médico e o modelo social costumam ser apresentados como separados, mas a deficiência não deve ser vista como algo puramente médico nem como algo puramente social: pessoas com deficiência frequentemente podem apresentar problemas decorrentes de seu estado físico. É necessário fazer uma abordagem mais equilibrada que dê o devido peso aos diferentes aspectos da deficiência. (Relatório Mundial sobre a Deficiência, 2012, p. 04)

Tal posicionamento parece explicar-se na sequência do documento, que apon-

5 Performer e professora do Departamento de Artes Contemporâneas, Manchester Metropolitan University.

6 Apresentada no relatório sob a sigla CDPD.

ta a adoção da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF). A CIF constitui o quadro de referência da Organização Mundial de Saúde (OMS) para descrever e mensurar a saúde e a deficiência. A CIF resulta da revisão da Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (ICIDH), versão de 1980 criticada por sua vinculação ao modelo médico de deficiência.

A CIF, adotada como modelo conceitual para este relatório mundial sobre a deficiência, compreende funcionalidade e deficiência como uma interação dinâmica entre problemas de saúde e fatores contextuais, tanto pessoais quanto ambientais.

[...]

A CIF enfatiza os fatores ambientais para a criação de deficiências, o que é a principal diferença entre essa nova classificação e a Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (ICIDH) anterior. Na CIF, os problemas de funcionalidade humana são categorizados em três áreas interconectadas:

- alterações das estruturas e funções corporais significa problemas de funções corporais ou alterações de estruturas do corpo, como por exemplo, paralisia ou cegueira;
- limitações são dificuldades para executar certas atividades, por exemplo, caminhar ou comer;
- restrições à participação em certas atividades são problemas que envolvem qualquer aspecto da vida, por exemplo, enfrentar discriminação no emprego ou nos transportes. (Relatório Mundial sobre a Deficiência, 2012, p.04/05)

A partir desta abordagem, não há mais a distinção entre as deficiências, a “CIF adota uma linguagem neutra e não distingue entre o tipo e a causa da deficiência, por exemplo, entre saúde ‘física’ e ‘mental’” (Relatório Mundial sobre a Deficiência, 2012, p. 05). Dessa forma, não encontraremos no documento referência à deficiência visual, deficiência física etc., mas sim pessoa cega, usuário de cadeira de rodas, etc. O documento apresenta assim uma abordagem no sentido de compreender a deficiência de modo mais abrangente, levando em consideração todos seus aspectos bem como fatores contextuais. Com isso, há uma preocupação em não generalizar necessidades e possibilidades, mas sim compreender as diferentes experiências e especificidades de cada indivíduo. Cabe ressaltar o caráter amplo do documento, enquanto material a auxiliar países com características geográfica, cultural, financeira e de desenvolvimento bastante diversas. No Estatuto brasileiro – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – encontramos referência à natureza física, sensorial, intelectual e mental da deficiência (Brasil, 2009).

Os modos de nomear e classificar parecem ainda ser assunto não bem resolvido. No anexo 5 da CIF, encontramos referência a essa preocupação:

A OMS reconhece, em particular, que os termos utilizados na classificação podem, apesar de todos esforços, estigmatizar e rotular.

[...]

No entanto, ainda permanece a difícil questão de qual a melhor maneira de se fazer a referência aos indivíduos que enfrentam algum grau de limitação ou restrição funcional. (Organização Mundial da Saúde, 2004, p. 215)

Na sequência, o documento enfatiza sua especificidade enquanto classificação:

é importante destacar que a CIF não é, de forma alguma, uma classificação de pessoas. Ela é uma classificação das características de saúde das pessoas dentro do contexto das situações individuais de vida e dos impactos ambientais. A interação das características de saúde com os factores contextuais é que produz a incapacidade. Assim, os indivíduos não devem ser reduzidos ou caracterizados apenas em termos das suas deficiências, limitações da actividade, ou restrições na participação. (Organização Mundial da Saúde, 2004, p. 215)

Ainda, o documento assume buscar uma abordagem neutra de modo a evitar conotações inadequadas, e parece fortemente inclinado a distanciar-se de qualquer possibilidade de ligação a termos e atributos de conotação negativa. De todo modo, as complicações advindas de muitos anos de negligência da sociedade como um todo à questão da deficiência está presente e assumida no documento, como quando é exposto que o “problema não é apenas uma questão de linguagem, mas também, e principalmente, uma questão das atitudes dos outros indivíduos e da sociedade em relação à incapacidade” (Organização Mundial da Saúde, 2004, p. 216).

Com as modificações de nomenclatura de acordo com cada época e no avançar dos entendimentos a respeito das deficiências, bem como a crescente participação de pessoas com deficiência nos debates, reflexões e pesquisas envolvidos no desenvolvimento dos documentos-guias sobre a deficiência, nota-se a busca pela construção de uma sociedade com direitos de participação igualitários. Contudo, as alterações na terminologia provocam uma necessidade de maior atenção por parte dos pesquisadores e interessados na área, tendo em vista que de acordo com o contexto dos trabalhos realizados, e assim a terminologia vigente na determinada época, encontraremos diferentes nomenclaturas, muitas das quais podem ser vistas como depreciativas atualmente.

Para além das terminologias, é o entendimento a respeito das deficiências que deve ser continuamente ampliado. Nesse sentido, o modelo social de deficiência é uma possibilidade de tratarmos a deficiência não apenas vinculada a área médica, mas em busca de um entendimento global da deficiência enquanto questão social. Nesse entendimento, as barreiras às pessoas com deficiência são da ordem da arquitetura espacial não acessível, da ordem das atitudes discriminatórias cultivadas a partir de uma enorme falta de conhecimento a respeito das pessoas com deficiências.

Processo de coleta de dados

A investigação de trabalhos realizados no território nacional deu-se a partir de três plataformas de divulgação de produções acadêmicas, são elas: Banco de Teses da CAPES⁷, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)⁸ e Portal de Periódicos da CAPES⁹.

Os descritores utilizados nas buscas, sempre em duplas de palavras, foram: Teatro, Deficiência; Artes Cênicas, Deficiência; Dança, Deficiência; Teatro, Surdez; Artes Cênicas, Surdez; Dança, Surdez; Artes Cênicas, Cegos; Teatro, Cegos; Dança, Cegos.

7 <http://bancodeteses.capes.gov.br>

8 <http://bdtd.ibict.br>

9 <http://www.periodicos.capes.gov.br>

A respeito da escolha dos descritores, apontamos o interesse na possibilidade de abranger o maior número de pesquisas dentro do tema proposto, em um estudo possível de ser realizado com os recursos disponíveis (no que tange aos materiais mas também aos indivíduos). Destacamos que, do ponto de vista jurídico, da legislação atual, a nomenclatura utilizada, conforme amplamente problematizado anteriormente, é pessoa com deficiência, terminologia que sozinha não dá conta das especificidades do amplo contexto dos sujeitos em questão. Assim, os descritores foram determinados de modo a facilitar o acesso aos trabalhos realizados, buscando englobar as possíveis e diversas nomenclaturas utilizadas no desenvolvimento das pesquisas.

Tendo em vista o recorte da pesquisa, interessada em produções relativas a contextos cênicos, detivemos nossa busca em trabalhos desenvolvidos junto a Programas de Pós-graduação em Artes Cênicas, Artes e Dança. Assim, foram encontrados **quinze** trabalhos publicados nas plataformas mencionadas. Ressaltamos que durante a investigação, realizada no segundo semestre de 2015, o Banco de Teses da CAPES disponibilizava apenas os trabalhos publicados nos anos de 2011 e 2012.

Na investigação relativa a trabalhos internacionais, nossa busca resultou **dezesete** trabalhos. A peculiaridade da pesquisa sobre trabalhos internacionais é a especificidade da abordagem daqueles estudos que se aproximassem do caráter investigativo relativo a práticas cênicas realizadas por pessoas com deficiência. Justifica-se esta escolha pelo fato de obtermos um número elevado nos resultados, o que impossibilitaria o acesso aos resumos de todos os trabalhos. Restringimos assim a busca, não aprofundando a investigação em trabalhos com abordagens acerca, por exemplo, da pessoa com deficiência enquanto espectador, ou da acessibilidade a prédios teatrais etc. Assim, o que apresentamos nesse sentido é um panorama mais geral acerca de práticas cênicas com pessoas com deficiência. Mantendo o recorte em busca de teses e dissertações, centramos a pesquisa na plataforma Portal de Periódicos da CAPES. De modo a ampliar os resultados, no início de novembro realizamos também pesquisas em bases de dados internacionais específicas, a partir das bases apontadas pelo repositório internacional de teses e dissertações Networked Digital Library of Theses and Dissertation – ND LTD¹⁰, que reúne de forma automática os repositórios de teses e dissertações de diversos países do mundo¹¹. A escolha por este modo de realizar as buscas deu-se após a constatação de que a pesquisa geral nesta base de dados internacional apontava um número muito grande de resultados, impossibilitando a continuação da pesquisa. Além da quantidade, os resultados apresentavam materiais de áreas diversas e muitas vezes afastados da área de interesse do trabalho.

As pesquisas desenvolvidas em território nacional

A partir do contato com o material disponibilizado nas bases de dados, analisamos os resumos dos trabalhos de modo a visualizar e determinar os aspectos privilegiados em cada pesquisa. Nosso estudo buscou determinar a temática das pesquisas,

¹⁰ <http://www.ndltd.org>

¹¹ É pertinente esclarecer que a base de dados apresenta os trabalhos de países que possuam estrutura de comunicação de dados compatível com o padrão utilizado pela base de dados em questão.

bem como a finalidade de cada investigação. Por meio de análise, identificamos as investigações desenvolvidas em território nacional em quatro categorias principais, organizadas em *práticas de formação*, *práticas de experimentação*, *práticas de criação* e *análise de grupos*. No conjunto de pesquisas, porém, certas investigações não se enquadram nestas categorias. Dentre essas pesquisas, destaca-se um estudo voltado à análise de documentos oficiais acerca da relação deficiência e arte, uma centrada no desenvolvimento de uma proposta de audiodescrição – com a criação de um roteiro para uma obra de dança – e também uma com interesse nas percepções e significações da prática para pessoas com deficiência que vivenciam dança.

Os estudos nacionais somam 15 e no que se refere às especificidades institucionais e caráter das pesquisas desenvolvidas, identificamos 13 dissertações de mestrado e 2 teses de doutorado. Apenas um dos trabalhos, uma das teses de doutorado, não está disponibilizada na íntegra, estando disponível apenas o acesso ao resumo do estudo. Os estudos foram realizados entre os anos de 1997 e 2014, sendo que cinco trabalhos foram desenvolvidos junto à Universidade Federal da Bahia (UFBA), três junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e dois junto ao Programa de Pós-Graduação em Dança; um trabalho foi desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); dois trabalhos advêm do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); outros dois do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília (UnB); três trabalhos foram desenvolvidos junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); um trabalho foi desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e, por fim, um trabalho desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Há um maior número de pesquisas realizadas junto à Universidade Federal da Bahia, sendo que as regiões nordeste e sudeste abrigam o mesmo número de estudos, contabilizando doze pesquisas e concentrando assim grande parte das investigações. Contudo, os trabalhos foram desenvolvidos em sete universidades, o que aponta o interesse pelo tema e a possibilidade de uma variedade de aspectos privilegiados a partir de diferentes linhas de pesquisa das instituições de ensino e dos contextos de cada local de origem dos estudos.

O exame dos resumos nos permitiu organizar as pesquisas nas categorias já citadas. No contexto da categoria *práticas de formação* encontramos estudos com foco no ensino/aprendizagem de práticas e técnicas, bem como estudos a respeito de modos de desenvolvimento de práticas cênicas e sua sistematização, propondo a formação dos participantes em determinada prática corporal e/ou técnica de dança ou teatro, desenvolvendo certa autonomia do sujeito em relação ao facilitador da prática. Uma das pesquisas estudou a sistematização de uma proposta pedagógica de palhaço para adultos com deficiência intelectual (Czékus Flórez, 2012). Outro estudo buscou formular uma proposta metodológica de preparo corporal para dançarinos com deficiência física, a partir de experimentações laboratoriais da integração somática dos Bartenieff Fundamentals (Silveira, 2009).

Já a categoria *práticas de experimentação* trata de propostas que buscaram ex-

pereniar práticas e procedimentos, interessadas na experiência específica, em estrita dependência do facilitador das propostas e da pesquisa em questão. Nestes estudos, ganharam destaque as percepções dos indivíduos participantes, seus modos de significar as práticas bem como a experiência enquanto criadores, privilegiando aspectos individuais e de autodesenvolvimento com interesse nas reverberações das práticas nos sujeitos praticantes. Um dos estudos buscou investigar de que maneira a dança circular contribui para a ampliação do movimento de pessoas com deficiência visual (Romão, 2011), com interesse nas reverberações da prática sobre o sujeito – percepções de si no mundo e relações eu/outro. Outro estudo desta categoria trata da pesquisa em artes cênicas que se caracteriza como *improvisação física e experimental*, transitando por vivências e fontes heterogêneas, como as oficinas com crianças, adolescentes com deficiência visual, usuários do sistema de saúde mental e aquelas que se deram nos espaços de formação teatral, com atores e bailarinos (Garrocho, 2007, grifos do autor).

As *práticas de criação* compreendem trabalhos que visavam práticas criativas ou criações artísticas compartilhadas com público, pensando as produções em suas poéticas e estéticas. Uma das pesquisas propôs o desenvolvimento do Projeto Vendo Vozes: oficina de teatro para surdos e ouvintes, buscando investigar o processo da inclusão dos atores surdos, enquanto sujeitos culturais, no teatro (Freitas, 2014). Outra pesquisa desta mesma categoria abordou processos criativos em teatro-dança realizados pelo Projeto PÉS, o qual busca a provocação e a criação do movimento estético-expressivo para/por pessoas com quaisquer deficiências (Tursi, 2014).

Por fim, a categoria *análise de grupos* faz referência aos estudos que acompanharam trajetórias, práticas, procedimentos de um ou mais grupos, algumas vezes tratando-se de estudos comparativos. Uma das pesquisas buscou analisar comparativamente o fazer em dança com pessoas com deficiência visual em dois grupos de dança, compreendendo princípios metodológicos e parâmetros estéticos (Almeida, 2012). Outro estudo constitui uma investigação acerca do corpo deficiente na cena contemporânea, com base na experiência junto com a Roda Viva Cia. de Dança (Teixeira, 2010).

Dos quinze registros de pesquisas encontrados, doze foram organizados nas categorias principais, sendo três no âmbito de *práticas de formação*, quatro no âmbito de *práticas de experimentação*, dois no âmbito de *práticas de criação* e três no âmbito de *análise de grupos*, há ainda três trabalhos que não se enquadraram nestas categorias. Faz-se importante esclarecer que há estudos em que mais de uma categoria poderia ser visualizada. Porém, com a investigação centrada apenas sobre os resumos dos trabalhos encontrados, e buscando evidenciar determinados aspectos na busca pela compreensão das pesquisas já desenvolvidas sobre o tema, destacamos os elementos mais expressivos ou que pareciam apresentar maior relevância.

Os trabalhos que abordam o campo da dança são encontrados em maior número, sendo que há pesquisas desenvolvidas acerca de quaisquer deficiências ou sem distinguir entre os tipos ou ordens de deficiência, outras trabalham com pessoas com deficiência mental, intelectual, física e auditiva/surdez (de ordem sensorial), sendo que há um maior número de trabalhos abordando a deficiência visual (de ordem sensorial). Esse dado leva a refletir sobre um aspecto específico: a acessibilidade. A aces-

sibilidade não se restringe apenas à livre circulação ou à questão arquitetônica, mas também a questões como a “comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal” (Vendramin, 2013, p. 2).

Os trabalhos foram desenvolvidos em espaços diversos, dentre os quais instituições de educação especial ou reabilitação e associações; e em espaços de formação (informal e formal) teatral ou artística, universidades e espaços de grupos ou coletivos artísticos. Há a evidência de um processo de impacto social da universidade, que se torna o modo possível de realização de práticas cênicas pelas pessoas com deficiência.

Quanto ao modo operativo das pesquisas, as pesquisas apontam variadas estratégias metodológicas, há estudos de caso com o desenvolvimento de oficinas, pesquisa-ação, estudo etnográfico com o desenvolvimento de oficinas, estudo histórico e ampla análise de materiais (produções acadêmicas, registros de espetáculos, observação de práticas, diários de bordo e entrevistas). Destaca-se que nove trabalhos apresentaram o desenvolvimento de oficinas ou laboratórios práticos. Também no que tange ao cruzamento com teorias e conceitos, constatou-se uma variedade de abordagens que conduzem a análises diversas. Como nem todos os estudos apresentam principais referenciais teóricos nos resumos, nossa análise não apreende autores recorrentes. Destacamos os seguintes autores, citados nos resumos: Paulo Freire, Maurice Merleau-Ponty, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Mikhail Bakhtin, Lev Vygostsky, Johan Huizinga, Glorinha Beuttenmüller, Jean-Pierre Ryngaert, Rudolf Laban, Viola Spolin, Augusto Boal, Peter Brook, Boaventura de Sousa Santos.

As pesquisas em âmbito internacional

Iniciamos a pesquisa na plataforma nacional Portal de Periódicos da CAPES, a partir das duplas de descritores *Teatro, Deficiência* e *Dança, Deficiência*, traduzidos para língua inglesa, francesa e espanhola. De modo a ampliar os resultados, realizamos também pesquisas em bases de dados específicas – apontadas pelo repositório internacional de teses e dissertações Networked Digital Library of Theses and Dissertation (NDLTD). Definimos a busca em cinco plataformas, indicadas no site como representantes dos países ou regiões Europa¹², França¹³, Canadá¹⁴, América Latina¹⁵, América do Norte¹⁶ e Estados Unidos¹⁷.

A respeito das investigações realizadas em âmbito internacional, apresentamos um panorama mais geral em comparação às especificidades definidas quanto à investigação de trabalhos a nível nacional, pelo caráter mais amplo de nossa pesquisa nas bases de dados. Assim, não utilizamos o critério de analisar apenas trabalhos advindos das áreas de artes, porém, a partir do material encontrado nas bases de dados, nossa escolha pelos trabalhos deu-se a partir do assunto geral, que devia relacionar-se à experimentação prática com pessoas com deficiência (bem como a interação

12 Disponível em <http://www.dart-europe.eu/basic-search.php>. Acesso em 10/12/2015.

13 Disponível em <http://www.theses.fr/>. Acesso em 10/12/2015.

14 Disponível em <http://www.collectionscanada.gc.ca/thesescanada/>. Acesso em 11/12/2015.

15 Disponível em <http://lareferencia.redclara.net/rfr/>. Acesso em 11/12/2015.

16 Disponível em <http://pqdtopen.proquest.com/search.html>. Acesso em 11/12/2015.

17 Disponível em <https://oatd.org/>. Acesso em 10/12/2015.

entre pessoas com e sem deficiência) no campo das artes cênicas. Justificamos nossa escolha pela quantidade de material, bem como pelo acesso às bases de dados. Assim, acreditamos ter acessado efetivamente – com a análise de resumos – apenas trabalhos voltados à prática cênica¹⁸.

Na pesquisa nas bases de dados, encontramos dezessete estudos, de variadas nacionalidades. Foram analisados os resumos destas investigações (dissertações e teses), de modo ser possível identificar que estas discorrem a respeito de questões tais como: elencos compostos por pessoas com deficiência e as implicações a partir do discurso de diretores, artistas e espectadores; reflexões sobre a mobilização do olhar para corpos mais próximos da realidade e não de um ideal, questionando normas corporais e da representação; questões a respeito do trabalho artístico e da função do instrutor/facilitador de teatro em grupos com pessoas com e sem deficiência; a organização interna dos grupos e fatores que determinam a manutenção de coletivos formados por pessoas com e sem deficiência também são abordados; além de análises de grupos e contextos locais em que há a atuação no teatro ou na dança de pessoas com deficiência e o processo de abertura à participação da pessoa com deficiência na dança contemporânea, bem como implicações ético-estéticas decorrentes dessa participação; a busca por modos de analisar os trabalhos criados bem como as reverberações, nos espectadores, da presença de pessoas com deficiência em cena. As transformações de representações sociais da deficiência também é tema abordado, bem como demais questões gerais no sentido de produção de conhecimento sobre a pessoa com deficiência e sua participação na sociedade. Há ainda a presença de estudos a respeito da experiência da dança em contexto escolar.

Retomando as categorias anteriormente apresentadas quando da análise de trabalhos nacionais, na abordagem aos estudos internacionais evidenciou-se um grande número de pesquisas (doze) que analisam práticas de grupos, companhias e artistas, utilizando como metodologia entrevistas e observações em campo, caracterizando-se como *análise de grupos*; enquanto que apenas um trabalho versa sobre *práticas de criação*. Há quatro estudos que não se enquadram nas definições, centrando-se em análises históricas e de práticas cênicas no contexto escolar. Dessa forma, não identificamos, através da análise dos resumos dos trabalhos internacionais, pesquisas nas categorias práticas de experimentação e práticas de formação.

Percebeu-se a recorrência de trabalhos que pautam suas abordagens nos DisabilityStudies¹⁹, e uma equidade de trabalhos em relação às áreas da dança e do teatro. Notou-se a predominância de estudos em língua inglesa, porém, faz-se importante mencionar que não foram considerados os registros que não apresentavam o resumo dos trabalhos, sendo que apenas apresentamos os dados relativos a investigações que disponibilizam seus resumos nas bases de dados mencionadas. Alguns destes estudos disponibilizam o trabalho na íntegra a partir das bases de dados, já outros têm o acesso restrito, liberado apenas por meio de registro nas determinadas universidades de origem do trabalho ou instituições associadas.

18 Por exemplo, não analisamos trabalhos que tratavam da acessibilidade a espaços artísticos e teatrais (prédios), de leis específicas de determinados países e locais, da representação da deficiência na dramaturgia, entre outros.

19 Disciplina que se aproxima da deficiência a partir de uma perspectiva interdisciplinar, abordando especialmente a deficiência enquanto construção social, investigando fatores sociais, políticos, culturais e econômicos que definem deficiência. (SDS – Society for Disability Studies. Disponível em <https://www.disstudies.org/>)

Análise geral

A partir da análise dos trabalhos encontrados nas bases de dados pesquisadas, percebemos que são várias as questões que ainda podem ser discutidas e aprofundadas no campo das Artes Cênicas no que concerne à participação da pessoa com deficiência nas artes da cena. Do acompanhamento de grupos e coletivos à proposição de práticas pelos próprios pesquisadores, do estudo de leis à análise do efetivo acesso da pessoa com deficiência ao campo das artes, muitas são as questões implicadas na busca pela reflexão sobre a participação dessa parcela da população nas artes da cena.

Quanto a grupos e coletivos artísticos, há a predominância de formações na área da dança, apresentando um interessante número de estudos que acompanham práticas e criações, isto tanto em trabalhos nacionais quanto internacionais. No que tange a investigações sobre grupos de teatro estabelecidos no contexto artístico²⁰, são os estudos internacionais que apresentam maior material. No que concerne à dança são variadas as práticas e técnicas investigadas e experienciadas, e destacamos a presença da nomenclatura Dança Inclusiva em dois trabalhos nacionais.

Ao tratar da participação da pessoa com deficiência na cena, observamos dois modos possíveis de ocorrência, evidenciados nos estudos analisados. Um desses modos aponta à incorporação de pessoas com deficiência em grupos, coletivos e práticas já desenvolvidas por pessoas sem deficiência. O outro, à construção de uma poética cênica específica, desenvolvida na interação com a pessoa com deficiência, levando a organizações e modos de fazer específicos, por vezes levando a sistematização de práticas e procedimentos.

As práticas de artes como potencial ao desenvolvimento e bem-estar, como reconhecimento de si e propositora de relações com os outros e com o mundo é questão explorada e parece já haver consideráveis indicativos de resposta positiva, confirmada no fato de as políticas públicas em educação considerarem as artes como meio de inserção cultural de alunos com deficiência.

A Arte é um campo rico de experimentações, aberto às novas composições e elaborações, por isso propõe olhares diferenciados sobre a realidade. Olhares que eliminam barreiras arquitetônicas, comportamentais (segregação, estigma e preconceito) e de comunicação, por não partirem de modelos pré-estabelecidos. Por esta razão, a arte representa, por excelência, um vetor de inclusão social. (Brasil *apud* Czékus Flórez, p. 38, 2012)

Apesar disso, não há uma sistematização e são justamente os estudos acadêmicos, das áreas de artes e também advindos da área da educação, que pautam as abordagens dos profissionais que se interessam por desenvolver práticas cênicas com pessoas com deficiência, principalmente no contexto das instituições de ensino formal.

Em relação aos trabalhos estrangeiros, observamos uma diferença específica quanto à proposição de práticas e formação de grupos para experimentações adota-

20 Que seja, já em atuação em períodos anteriores ao desenvolvimento das pesquisas acadêmicas, e não somente vinculados a elas.

dos pelos pesquisadores brasileiros. Enquanto as pesquisas estrangeiras voltam seu estudo para grupos e coletivos já constituídos, com o pesquisador atuando em local de observação das práticas e discursos, as investigações brasileiras promovem, para sua realização, a criação de grupos. Os variados estudos que apresentaram a proposição e desenvolvimento de oficinas parecem apontar à necessidade do pesquisador brasileiro reunir e engajar ele próprio um grupo de pessoas para o desenvolvimento de práticas e então da própria pesquisa. Ou seja, percebe-se que nos estudos realizados em território brasileiro os pesquisadores têm investido na pesquisa empírica, reunindo interessados e promovendo oficinas e *workshops* para então produzir material a ser analisado. Esse fato pode indicar tanto a escassez de grupos já atuantes que tenham em sua formação pessoas com deficiência, bem como o interesse do pesquisador em uma prática específica – a partir de sua própria formação como artista – que não é contemplada nos grupos já formados. Esse dado leva à questão da escassez de espaços promotores de atividades cênicas para pessoas com deficiência (bem como sua interação com pessoas sem deficiência). Há a dificuldade ao acesso a oficinas de teatro e dança, e muitos dos sujeitos se iniciam nas práticas cênicas justamente através das pesquisas acadêmicas. Nesse sentido, parece se fazer ver um indicativo da dificuldade de profissionalização da pessoa com deficiência no campo das artes da cena.

A função do facilitador dos processos, bem como a organização interna dos grupos e coletivos é tema de poucos trabalhos, indicando uma necessidade de aprofundamento nos estudos. Analisar a organização dos coletivos – modos de operar frente às práticas, bem como organizações internas dos integrantes e a necessidade ou não de uma figura de liderança estabelecida – parece ser ponto importante para compreender como são efetivadas as práticas. Pontos dessa questão são abordados com profundidade em um estudo internacional, e de modo superficial nos demais estudos que tratam da análise de grupos e de práticas, sendo necessário, porém, um maior aprofundamento nas investigações para determinar com exatidão este indicativo. Todavia, a questão é determinante na busca da compreensão de modos e meios de ampliar o acesso às práticas cênicas.

O desconhecimento a respeito das especificidades das pessoas com deficiências, seja da ordem das deficiências, bem como de direitos e relações na sociedade perpassa diversos trabalhos, indicando a complexidade de abordagem do tema, bem como a fragilidade do conhecimento da sociedade em geral. A busca por desconstruir padrões que atribuem à pessoa com deficiência características de estranheza, tornando-a objeto de curiosidade e marcando-as excessivamente como sujeitos estigmatizados está presente nas pesquisas. As mudanças de leis, bem como transformações de nomenclaturas também parecem exigir que os trabalhos iniciem contextualizando o cenário em que a pessoa com deficiência está inserida, tanto em trabalhos de nível nacional como internacional. A questão indica que ainda há de se desenvolver estudos e pesquisas, em busca de clarificar cada vez mais a participação da pessoa com deficiência em práticas cênicas, apontando às características artísticas que perpassam os estudos, seja os de contexto de formação, experimentação, criação ou análise de grupos.

Referências

ALMEIDA, Renata M. Fonseca de. *Não ver e ser visto em dança: análise comparativa entre o Potlach Grupo de Dança e a Associação / Cia de Ballet de Cegos*. 2012. 105 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

BECKER, Lidia. *Surdez e teatro: a encenação está em jogo. Estudo transdisciplinar sobre o jogo teatral no cenário da surdez*. 2011. 272 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BRASIL. Decreto nº6949 de 25 de Agosto de 2009. *Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo*. Subchefia para Assuntos Jurídicos [da] Presidência da República. Brasília, DF, 25 ago. 2009.

_____. Lei nº 13.146 de 06 de Julho de 2015. *Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. Subchefia para Assuntos Jurídicos [da] Presidência da República. Brasília, DF, 06 jul. 2015.

CARMO, Carlos Eduardo O. do. *Entre sorrisos, lágrimas e compaixões: implicações das políticas culturais brasileiras (2007 a 2012), na produção de artistas com deficiência na dança*. 2014. 131f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

CZÉKUS FLÓREZ, Laili von. *Pedagogia da bobagem: uma oficina de palhaço para adultos com deficiência intelectual*. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

DEFICIÊNCIA, *Viver sem Limite* – Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD). VIVER SEM LIMITE – Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência: SDH-PR/ SNPD, 2014.

FIGUEIREDO, Valeria Maria Chaves de. *Oihar para o corpo que dança: um sentido para a pessoa portadora de deficiência visual*. 1997. 127 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

FREITAS, Cilene R. Carneiro. *Processo de compreensão e reflexão sobre iniciação teatral de surdos*. 2014. 154 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

GARROCHO, Luiz Carlos. *Cartografias de uma improvisação física e experimental*. 2007. 228 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade

Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

KUPPERS, Petra. Educação acessível: estética, corpos e deficiência. *In: Revista Cena*, nº 15, PPGAC/UFRGS, Porto Alegre, 2014. Porto Alegre, UFRGS, 2014a.

KUPPERS, Petra. Outsider Histories, Insider Artists, Cross-Cultural Ensembles: Visiting with Disability Presences in Contemporary Art Environments. *In: TDR: The Drama Review*, Volume 58, Number 2, Summer 2014b, pp. 33-50.

OLIVEIRA, Ana Clara Santos. *Por uma poética da audiodescrição de dança: uma proposta para a cena da obra Pequetitas coisas entre nós mesmos*. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *CIF – Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde*. Direção Geral da Saúde. Lisboa, 2004. Disponível em <<http://www.inr.pt/uploads/docs/cif/CIF_port_%202004.pdf>>. Acesso em 02/12/2015.

RELATÓRIO MUNDIAL SOBRE A DEFICIÊNCIA / World Health Organization, The World Bank; tradução Lexicus Serviços Lingüísticos. - São Paulo: SEDPcD, 2012.

ROMÃO, Telma Sampaio. *Ampliação de movimentos na dança circular com pessoas com deficiência visual*. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

SILVEIRA, Saulo Silva da. *Técnica e(m) Criação Somática: uma proposta corporal para artistas cênicos com (d)eficiência física através dos Princípios e Fundamentos Corporais Bartenieff*. 2009. 239 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro e Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOMACAL, Adriana de Moura. *Memória na ponta dos dedos: sistematização de práticas de teatro com surdos*. 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SOMERA, Somera, Nicole. *O artista com deficiência no Brasil: arte, inclusão social e campo artístico*. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

TEIXEIRA, Ana Carolina Bezerra. *Deficiência em cena: desafios e resistências da experiência corporal para além das eficiências dançantes*. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

TURSI, Rafael. *Meu corpo, teu corpo e este outro: visitando os processos criativos do*

Projeto PÉS. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

WOLFF, Silvia Susana. *Momento de transição: em busca de uma nova eu dança*. 2010. 117 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

VENDRAMIN, Carla. Diversas danças – diversos corpos: discursos e práticas da dança no singular e no plural. *In: DO CORPO: Ciências e Artes, Caxias do Sul, v. 1, n. 3, 2013, p. 1-18.*

Recebido em: 01/08/2016

Aprovado em: 29/10/2016